Bolsas — Na terça-feira: +0,68% São Paulo; +0,17% Nova York

Pontuação B3 — IBovespa nos últimos dias: 137.001,58 / 169.813,15 (4/6, 5/6, 8/6, 9/6)

Dólar — Na terça-feira: R$ 5,177 (-0,05%)

Dólar — Últimos	
2/junho	5,009
3/junho	5,066
5/junho	5,157
8/junho	5,18

Salário mínimo — R$ 1.621

Euro — Comercial, venda na terça-feira: R$ 5,976

CDI — Ao ano: 14,40%

CDB — Prefixado 30 dias (ao ano): 14,36%

Inflação — IPCA do IBGE (em %)

Dezembro/2025	0,33
Janeiro/2026	0,33
Fevereiro/2026	0,70
Março/2026	0,88
Abril/2026	0,67

CRISE GLOBAL

Gasolina com mais etanol para frear preço

Proposta do governo de elevar a parcela de álcool anidro de 30% para 32% vai reduzir a importação de combustíveis fósseis

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Ed Alves/CB/D.A Press

Ministério de Minas e Energia estima uma redução de 450 milhões de litros em importações de gasolina com o aumento da mistura de etanol

Sob o argumento de buscar a autossuficiência, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai propor ao Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) aumentar para 32% a quantidade de etanol na mistura com a gasolina comercializada no país. A decisão foi tomada, ontem, após uma reunião entre Lula, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, e representantes de associações de produtores de etanol e bioenergia.

Atualmente, a gasolina é vendida a partir de uma mistura de 30% de etanol. Um aumento da mistura para 32% de etanol, na avaliação do ministro, trará soberania no abastecimento de combustíveis no Brasil, que também sofre as consequências da guerra no Oriente Médio.

"A ideia é aumentar ainda mais a mistura do etanol anidro na gasolina e poder, com isso, nos tornar autossuficientes, deixando de ser necessária a importação de gasolina. E, assim, minimizar os impactos também da guerra. Sabemos que não é uma guerra nossa, é uma guerra que não depende de nós, mas são medidas necessárias para que a gente possa ter o menor impacto possível no Brasil", disse Silveira, em conversa com jornalistas, no Palácio do Planalto.

Segundo o ministro, o aumento da mistura deve representar 450 milhões de litros a menos de gasolina importada pelo Brasil.

"É segurança energética, é modicidade no preço do combustível, é descarbonização, é desenvolvimento nacional, é mais plantio, é mais emprego, é mais renda. São políticas públicas focadas no desenvolvimento do país", afirmou Silveira, destacando que a medida ainda minimiza as oscilações de preço dos combustíveis causadas por conflitos internacionais.

Embora o governo tenha batido o martelo em propor ao CNPE esse percentual de aumento da concentração do etanol na gasolina, Alexandre Silveira disse que seria possível elevar a mistura em até 35% de etanol. "Foi uma reivindicação trazida hoje pelo setor (de energia) e que vai ser submetida por determinação do presidente da República ao próximo Conselho Nacional de Política Energética, em reunião a ser marcada nos próximos 15 dias, para que a gente possa debater sobre o tema", disse Silveira.

Mercado

A ideia de propor 32% na mistura de etanol foi aprovada por setores ligados à produção de cana. Para o presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (Unica), Evandro Gussi, a proposta reconhece o papel estratégico do etanol para a transição energética do país e o abastecimento da frota de automóveis em momentos como esse, em que os preços internacionais dispararam em função da guerra.

"Nós estamos aqui muito animados com essa consciência de que o Brasil pode reduzir o consumo de gasolina importada, o consumidor economizar no seu abastecimento, garantindo mais sustentabilidade e segurança energética", acrescentou.

Para o representante do setor sucroalcooleiro, somente nos últimos três meses — desde o início do conflito no Irã —, a diferença de preço entre etanol e gasolina gerou uma economia de cerca de R$ 2 bilhões aos consumidores brasileiros e evitou o gasto ao país de R$ 8 bilhões com importações de gasolina. "Hoje, o litro do etanol custa, em média, R$ 2,40 menos do que o litro da gasolina. Ou seja, um aumento da mistura de 2% vai trazer uma redução equivalente a essa para o consumidor", disse Gussi. Ele afirmou que a mudança não afetará, do ponto de vista técnico, o desempenho dos motores.

Diante da ideia de que o aumento de etanol na mistura levará segurança energética ao país, o presidente da Siamig Bioenergia, Mário Campos, assegurou que o setor tem capacidade para suprir a demanda. "Neste ano, vamos ter um acréscimo de mais de 4 bilhões de litros de etanol na nossa produção. É uma oportunidade para o Brasil descarbonizar ainda mais a nossa matriz de transporte", destacou o executivo.

> **"É segurança energética, é modicidade no preço do combustível, é descarbonização, é desenvolvimento nacional, é mais plantio, é mais emprego, é mais renda. São políticas públicas focadas no desenvolvimento do país"**
>
> ***Alexandre Silveira,*** *ministro de Minas e Energia*

Ameaça ao Pix e à soberania

» PEDRO JOSÉ*

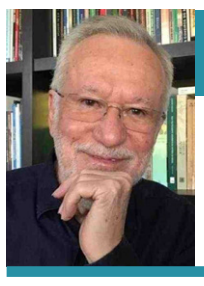
O ministro da Fazenda, Dario Durigan, disse que o governo brasileiro acompanha com preocupação as ameaças de sanções comerciais dos Estados Unidos por causa do Pix, sistema de pagamentos instantâneos desenvolvido pelo Banco Central. Em entrevista ao Uol News, Durigan classificou a ferramenta como um símbolo da soberania financeira nacional.

"A nossa preocupação com Pix é porque o Pix virou o nosso símbolo maior de soberania financeira", afirmou ele, que teme impactos na percepção internacional sobre a economia brasileira, afetando investimentos e avaliações de risco do país. "Nós não deveríamos ter uma espécie de punição geral ao país. O que a gente deveria afastar são grandes ameaças ao país como um todo."

Durigan confirmou que uma reunião com autoridades dos EUA deve ocorrer de forma virtual nos próximos dias. O encontro tratará especificamente da questão das tarifas e contará com o ministro do Desenvolvimento, Márcio Elias Rosa, e com o representante do Comércio dos Estados Unidos, Jamieson Greer.

Durigan ressaltou que a conversa diplomática não pode ser precipitada, pois exige a apresentação de diagnósticos claros sobre os reais impactos econômicos de eventuais retaliações. O ministro detalhou ainda o que o Brasil está disposto a colocar na mesa de negociações, limitando o diálogo a demandas setoriais do agronegócio, da indústria aeronáutica e de setores de serviços, infraestrutura, telecomunicações e tecnologia de nuvem. "Esse debate setorial cabe porque é o debate civilizado que se faz entre países que têm demandas pontuais em relação ao outro", explicou.

***Estagiário sob a supervisão de Vinicius Doria**



ALEXANDRE GARCIA

O PRÓXIMO PRESIDENTE É QUE VAI TER QUE PAGAR AS BONDADES ELEITOREIRAS QUE ESTÃO VICIANDO PARTE DA POPULAÇÃO CONTRA O TRABALHO, A ÚNICA FONTE DE RENDA. CADA VEZ MENOS TRABALHAM PARA SUSTENTAR CADA VEZ MAIS PROGRAMAS DITOS SOCIAIS QUE DÃO RESULTADO ÀS AVESSAS

Herança maldita

Está difícil aparecer candidato ao governo do Rio Grande do Norte por causa da péssima situação do Estado. Os dois mandatos da governadora Fátima Bezerra vão deixar para o sucessor dela o segundo maior passivo judicial entre os estados, dívida líquida superior a R$ 6 bilhões e uma folha de pagamento que consome mais da metade da receita líquida. E um terço da população está abaixo da linha de pobreza. No plano federal, a situação financeira está também assim, apenas com a diferença de que Lula corre o risco de ser seu próprio herdeiro, e os demais concorrentes estão dispostos a assumir os ônus do espólio.

A projeção de inflação é de 5,11% até o fim do ano. A meta era 3%. A dívida bruta passou de R$ 10 trilhões, o crescimento não vai chegar a 2%; há desestímulo de investimento, a indústria está desatualizada, até os serviços sofrem, e Lula briga com o agro, que sustenta o balanço externo. Os juros não baixam e a população e as empresas estão endividadas. E o próximo presidente é que vai ter que pagar as bondades eleitoreiras que estão viciando parte da população contra o trabalho, a única fonte de renda. Cada vez menos trabalham para sustentar cada vez mais programas ditos sociais que dão resultado às avessas — o Brasil é o único no mundo em que auxílios do governo aumentam a diferença de renda, segundo a lista Gini.

O próximo presidente vai ter que corrigir truques que desequilibraram de novo as contas públicas, com gigantismo do Estado, leniência com o crime organizado, degradação da projeção diplomática, reforma tributária a atrapalhar as empresas, créditos subsidiados populistas, combustíveis subvencionados, descrédito nas instituições, corrupção endógena do setor público nos Três Poderes. As bondades já chegam a R$ 215 bilhões para tentar se reeleger. A última foi uma medida provisória com R$ 30 bilhões de empréstimos para taxistas e motoristas de aplicativo, com recursos do Tesouro e do BNDES. Desses, uns R$ 200 bilhões não entram na conta da ficção chamada de Arcabouço Fiscal, que substituiu o sensato teto de gastos do governo Temer, truque que lembra as pedaladas que derrubaram Dilma. Como não há almoço grátis, a conta irá para o mandato seguinte.

Certamente Flávio ou Caiado ou Zema têm consciência dessa herança e, mesmo assim, continuam candidatos. Não vão poder reclamar depois. Devem saber que o Brasil tem um potencial tão grande que pode se recuperar em pouco tempo de boa gestão pública, desde que exista um "posto Ipiranga". Já Lula tem dois caminhos. Se não for reeleito, deixa "ao vencedor, as batatas" e vai rir da situação difícil do novo presidente. Mas se for reeleito, tem Trump como desculpa, tal como faz o regime cubano. Sempre é recurso culpar o adversário pelo próprio fracasso. Vai encontrar seguidores e desinformados que vão acreditar. E todos vamos sofrer as consequências da falta de responsabilidade fiscal, turbinando os problemas de hoje.